ALMADA NEGREIROS

ANTES DE COMEÇAR

ANTES DE COMEÇAR

ALMADA NEGREIROS

PEÇA DE TEATRO

Esta obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

CENA ÚNICA

(Depois de subir o pano, ouve-se um tambor que se vai afastando. Quando já mal se ouve o tambor, o Boneco levanta-se, e vai espreitar ao fundo para fora. Entretanto a Boneca senta-se e está admirada de ver o Boneco a andar. Quando o Boneco volta para o lugar, fica admirado de ver a Boneca sentada a olhar para ele.)

O BONECO — Tu também te mexes como as pessoas?!

A BONECA — (Muito baixinho.) Chiu!...

O BONECO — Só agora é que dei por isso!

A BONECA — (Idem.) Chiu!...

O BONECO — Eu julgava que de nós os dois era eu só que podia mexer-me!

A BONECA — (Sempre muito baixinho.) Eu também julgava que de nós os dois, era eu a única que podia mexer-me!

O BONECO — E nunca sentiste a puxar por ti todas noites?!

A BONECA — (Idem.) É que eu julgava que era o Homem que puxava por mim!

O BONECO — E tu? Puxaste por mim alguma vez?

A BONECA — (Idem.) Nunca... nunca experimentei puxar por ti... Eu tinha pena, se ao puxar por ti, tu não te mexesses. Por isso nunca experimentei!...

O BONECO — Pois eu, todas as noites, quando o tambor do Homem já vai longe, levanto-me e vou espreitar para fora...

A BONECA — Nunca te vi assim!... Às vezes sentia puxarem por mim mas julgava que era o Homem... e deixava-me estar boneca...

O BONECO — Se eu soubesse que tu eras como eu!

A BONECA — Se eu soubesse que também tu eras assim!

O BONECO — A culpa é tua! Eu bem puxei por ti todas as noites!

A BONECA — Que pena! E eu que não adivinhei que eras tu! Olha, perdoas? Tu não imaginas como eu sou tímida!...

O BONECO — É asneira!...

A BONECA — Chiu!... Não fales alto!

O BONECO — Não está ninguém lá fora! Eu nunca me levanto sem ter pensado primeiro se está alguém lá fora!... Só depois de ter pensado bem é que me levanto... E até hoje, ainda ninguém deu por nada... nem tu!

A BONECA — É verdade, nem eu...

O BONECO — Tu és tímida!

A BONECA — Pois sou...

O BONECO — E não há razão... pois se temos a certeza de que não está ninguém a ver! Faz algum mal?

A BONECA — Mas se vissem?

O BONECO — Não podem ver!

A BONECA — Tu tens a certeza de que não te podes enganar?

O BONECO — As pessoas é que se enganam! Nós os bonecos, nunca nos enganamos!!!...

A BONECA — A dizer a verdade, eu nunca me enganei... Mas nunca faço nada porque tenho medo de me enganar!...

O BONECO — (A ralhar.) Pareces mais uma menina do que uma boneca!!!

A BONECA — Mas o que é que queres?... Eu sou assim... A ti que és boneco, não te fica mal levantares-te por tua própria iniciativa e sem que ninguém saiba... (A crescer de interesse.) Mas achas que me ficava bem a mim uma

boneca, levantar-me por minha própria vontade, sem mais nem menos?

O BONECO — Estou-te a dizer que todas as noites me fartei de puxar por ti!...

A BONECA — Eu julgava que era o Homem!

O BONECO — Ora aí está! De que serviu eu ter puxado tanto por ti, se tu te punhas a julgar outras coisas!...

A BONECA — (Perfil.) Chiu!... Supõe tu que era o Homem.

O BONECO — Mas não era o Homem, era eu!!!

A BONECA — (3/4.) Mas eu é que não sabia!...

O BONECO — Olha! Digo-te outra vez: pareces mais uma menina do que uma boneca!

A BONECA — E não dizes nada mal!... Pois quantas e quantas vezes eu me esqueço de que sou uma boneca e me ponho a pensar, exatamente como se fosse uma menina!

O BONECO — (Ri.) Isso é mesmo de boneca!

A BONECA — Mas que queres que eu faça? Eu sou assim... Não fui eu que me fiz!... E tu também não podes falar!... Tu

levantas-te quando te apetece e mexes-te à tua vontade, como se fosses uma pessoa... e isto, para um boneco parece a mais!...

O BONECO — És mesmo parvinha de todo! É o que eu te digo: nem pareces uma boneca! Então tu não sabes, minha estupidazinha, que um boneco, quando não está ninguém a ver se mexe à sua vontade?

A BONECA — Já me quis parecer isso... tenho pensado muito a esse respeito... mas a certa altura começa-me a doer a cabeça e nunca consegui, até hoje, pensar esse assunto todo até ao fim!

O BONECO — Tu és uma fraca!

A BONECA — Pois sou... Não tenho coragem nenhuma! Eu nem tive coragem para me mexer da posição em que o Homem me deixasse!... E tu? Lembravas-te sempre, exatamente, da posição em que o Homem te tinha deixado?

O BONECO — Sempre!

A BONECA — Ah! Que boa memória que tu tens... Eu não sei se tenho boa memória. Nunca até hoje tive coragem

para experimentar levantar-me da posição em que o Homem me tinha deixado...

O BONECO — Então como é que sabias que podias mexer-te?

A BONECA — Ouve! Eu explico-te: quando já havia muito tempo que eu não sentia nada em redor de mim, depois de o tambor se ouvir já lá muito ao longe... eu abria assim um bocadinho os olhos sem ninguém perceber... e ficava a perceber tudo... depois experimentava muito devagarinho mexer um dedo qualquer, ao calhar, e mexia!... Outras vezes estendia um nadinha uma perna, que ninguém podia dar por isso... experimentei aos poucochinhos mexer tudo, muito devagarinho e tudo mexia!... Ah! Que se eu tivesse a certeza de que não me esqueceria da posição em que o Homem me tinha deixado... eu havia de me levantar e dar uma voltazinha, para experimentar...

O BONECO — O que me espanta, é que nunca tenhas dado por mim!

A BONECA — Não estás com certeza mais admirado do que eu... mas talvez seja por eu ficar quase sempre por acaso

com a cara virada para o chão... e quando ficasse com a cara para cima, também em nada podia reparar, pois mal te sentisse mexer, punha-me logo a julgar que era o Homem que estava a puxar por ti... e fazia-me imediatamente boneca... Foi sempre tão grande o medo que eu tinha que o Homem soubesse que eu mexia, que à mais pequenina coisa me punha logo como morta...

O BONECO — Ouve lá! Porque é que falas tão baixo? A tua voz não dá mais do que isso?

A BONECA — Parece-me que dá... Ainda não experimentei gritar, mas tenho a certeza de que sou capaz de dar o grito que se ouve mais de longe!

O BONECO — Então porque falas tão baixo?

A BONECA — (Muito baixinho.) Chiu!... É por causa do Homem... Coitado, se ele soubesse que nós mexemos!... Tu já pensaste a sério a este respeito? Um dia, sem querer, tu julgas que o Homem não está aqui e ele está a ver-te! Que horror!!! Nem quero pensar!

O BONECO — Ora! Mesmo que o Homem me visse a mexer, julgava que era um sonho... Não acreditava...

A BONECA — Não é tanto assim!... Tu é que não sabes o que se passa! Há dias, o Homem estava bem disposto, chamou a mulher dele e disse-lhe a apontar para mim: não achas que ela — era eu — tem cara de quem está à espera de que a gente não esteja a ver para se pôr à sua vontade?

O BONECO — Foi o Homem quem disse isso assim?!

A BONECA — Juro-te pela minha boa sorte!!!

O BONECO — E a mulher do Homem o que é que disse?

A BONECA — A mulher do Homem disse assim: (Devagar.) Olha que estás para aí a dizer uma coisa que já me tem vindo à ideia muitas vezes e sem eu querer!

O BONECO — Foi só isso que eles disseram?

A BONECA — E achas pouco?!!! Os filhos deles também já andam desconfiados... e agora, em vez de irem brincar como dantes, vão-se pôr à espreita ali, daquele canto, à espera de que qualquer de nós de mexa...

O BONECO — Seja quem for, se vir um boneco a mexer sozinho, julga sempre que é um sonho... e não acredita!

A BONECA — Faz tu o que quiseres: a mim é que eles não me hão de ver nunca a mexer sozinha!

O BONECO — Tu és medrosa!

A BONECA — Pois sou...

O BONECO — Mas eu já fui espreitar... não está ninguém aqui ao pé.

A BONECA — Tens a certeza? Tu nem sequer sabias o que eles tinham estado a dizer a nosso respeito!...

O BONECO — Sim, tenho a certeza! Foram todos juntos para cidade chamar gente para o espetáculo daqui a bocado... O Homem levava o bombo e os pratos; quem tocava o tambor, hoje, era o filho mais velho; a mulher levava o cornetim e a filha ia à frente com o cartaz e os guizos.

A BONECA — Logo hoje por infelicidade, a filha não me quis levar com ela! Quando está contente leva-me sempre na algibeira do casaco...

O BONECO — Já por várias vezes fomos os dois juntos dentro da mesma algibeira!...

A BONECA — É verdade!... Nesse tempo não sabia que tu eras como eu...

O BONECO — É verdade!... nem eu!... e podíamos ter falado tanto, dentro da algibeira!... Fartei-me de puxar por ti!...

A BONECA — Eu não sabia que eras tu!

O BONECO — Era eu!

A BONECA — Porque não me disseste ao ouvido?

O BONECO — Eu não sabia que tu ouvias!

A BONECA — Pois ouvia!

O BONECO — E tu nunca te aborrecias de estar sempre na posição em que o Homem te tinha deixado?

A BONECA — Punha-me a pensar... Pensei muito! Pus por ordem todas as coisas que aconteceram comigo... Sei tudo de cor...

O BONECO — Conta, conta o que sabes!...

A BONECA — Só há uma coisa que eu não sei e que também aconteceu comigo...

O BONECO — O que foi?

A BONECA — Não sei explicar a razão por que são tão pequenas as pessoas que vêm todas as noites ver o espetáculo!...

O BONECO — (Ri.) São assim tão pequenas porque ainda não chegaram a grandes... As pessoas pequenas chamam-se crianças.

A BONECA — Isso não sabia eu... Era a única coisa que eu não tinha sido capaz de compreender!... Via umas pessoas maiores e outras mais pequenas, e não sabia a razão.

O BONECO — Ah! Ah! Ah!

A BONECA — Naturalmente estás-me a enganar?...

O BONECO — Não te estou a enganar, não... estou a rir-me do que terás para contar se não sabias que as pessoas antes de serem grandes começam por ser pequeninas!... (Ri.)

A BONECA — E não sabia! É alguma obrigação saber essas coisas? Se começas a rir não te posso perguntar outra coisa que também não sei e que também aconteceu comigo...

O BONECO — O que foi? Pergunta!

A BONECA — Para onde é que vão as pessoas grandes?

O BONECO — Vão ver outras coisas!

A BONECA — Então há outras coisas?

O BONECO — São só para as pessoas grandes.

A BONECA — Ainda nunca vi... nunca aconteceu comigo... só sei do que já aconteceu comigo...

O BONECO — As coisas que há pessoas grandes só quando acontecem connosco é que se compreendem.

A BONECA — Talvez que ainda venham a acontecer comigo!... contigo já aconteceram?

O BONECO — Também ainda não... Só as crianças é que gostam de bonecos... As pessoas grandes fartaram-se de ver bonecos e foram ver outras coisas...

A BONECA — Naturalmente, estiveram que tempos à espera que nós mexêssemos, e como nunca nos mexêssemos nem disséssemos nada, aborreceram-se e foram-se embora!

O BONECO — Não sei se é assim como tu estás a dizer... Só sei que o Homem descobriu que as crianças gostavam de ver os bonecos a mexer como as pessoas...

A BONECA — O Homem teve uma boa lembrança de fazer mexer os bonecos por causa das crianças.

O BONECO — Do que as crianças gostavam mais era de chegar a ser bonecos!!!

A BONECA — Felizmente para o Homem, há sempre crianças por toda a parte!... Porque é que elas gostam de ver os bonecos mexer como as pessoas?

O BONECO — É porque começam a pensar em muitas coisas que ainda não aconteceram com elas!

A BONECA — Ah!... Eu sou como as crianças... só sei do que já aconteceu comigo!...

O BONECO — Conta! Conta o que sabes!

A BONECA — Eu não sei se o que aconteceu comigo tem algum valor... mas tu não calculas a porção de coisas sérias que têm passado pela minha cabeça por causa do que

aconteceu comigo!... coisas de nada e que nunca mais acabam!

O BONECO — Tu é muito divertida!!!

A BONECA — Tu não me conheces! Tu estás habituado a ver-me só por fora... nunca aconteceu veres o que eu sou por dentro!...

O BONECO — Era isso mesmo que eu queria que tu contasses!

A BONECA — Tu sabes bem que eu não tenho história... a minha história é a daquela que me fez... Mas não sei mais nada... Assim eu soubesse contar-te a única história que eu sei!

O BONECO — Sabes, sim! Conta!

A BONECA — (Pausa.) Fui feita especialmente para a própria que me fez... e para mais ninguém!... Talvez a minha história não valha nada... mas foi só feita para Ela!... Ela nunca pensou em mostrar-me a mim... Longe estava Ela, quando me fez, de supor que eu havia de ir para o teatro! Ela fez-me de propósito só para Ela, para não estar sozinha... fui feita aos pedacinhos, de coisas que já não

serviam para mais nada... Aqueles pedacinhos mais bonitos das coisas que já não serviam para mais nada, guardava-os Ela para me fazer a mim... Achas que tem algum valor a minha história?

O BONECO — Conta, conta que eu gosto muito!

A BONECA — Fui feita aos poucochinhos. Ela não podia estar sempre a tratar de mim... era só àquelas horas, depois de estar tudo pronto... Quando não havia mais nada que fazer... então, é que chegava a minha vez!... Mas não era porque Ela não me quisesse e muito, mas as outras coisas não podiam ficar por fazer... não achas? Era justo, eu estava depois das outras coisas... No fim de tudo, logo a seguir, era eu!... Mas quando chegava a minha vez, tu não imaginas, Boneco, a alegria que Ela trazia nos olhos!!! Via-se perfeitamente que não tinha pensado noutra coisa!... Achas que vale a pena continuar?

O BONECO — Conta, conta! Eu gosto muito!... E parece-me que estou a reconhecer essa menina!...

A BONECA — Não há outra no mundo!... E se for a mesma tu sentes logo... ainda que eu não te saiba contar a história

dela!

O BONECO — Se for Ela, eu digo-te.

A BONECA — Tu não imaginas, Boneco, o que Ela fez por mim! Fui muito pensada!... Dia e noite não pensava noutra coisa... Ela cuidou imenso em dar-me um feitio que encantasse!... Fez tudo por mim!... Eu era para sair melhor do que saí... Ah! Se eu fosse como Ela me tinha pensado!!! Mas eu estou contente... eles é que não sabem ver-me, eles vêem-me só por fora e julgam que por dentro não tenho nada... Não é que eu seja por dentro diferente do que eu sou por fora... é a mesma coisa... Mas eles vêem-me mal por fora, porque não sabem como eu sou por dentro... Ninguém sabe ver-me!... Oh! Ela, sim!... Se ao menos eles soubessem como eu fui feita!... Ah! Lembro-me tão bem!... Fui feita com o coração!... Se o que sai do coração fosse igual ao que está por dentro... não era uma simples boneca vestida de seda... era outra coisa! Era o próprio coração por dentro! Nunca viste o coração por dentro?

O BONECO — (Devagar.) Vi! É uma boneca vestida de seda...

A BONECA — Oh! Como tu viste bem o coração!!! Dá-me a tua mão... (Pausa.) Conta como tu viste o coração!...

O BONECO — Não me perguntes nada... Deixa estar calado o meu coração... (Pausa.)

A BONECA — Ouve, Boneco! Tu achas que eu sou bonita? É porque ela quis tanto fazer-me exatamente como era por dentro e por fora... E é por isso que eu me acho tão linda!... Por isso é que eu gosto tanto de mim... Olha bem para mim... Já reparaste bem?... Os meus olhos... a minha boca... os meus cabelos... a cor dos meus olhos... a cor da minha boca... a cor dos meus cabelos... o meu feitio... a minha maneira de vestir... todas estas coisas são d'Ela!... Ela e eu somos uma coisa só!... Ela copiou-se exatamente em mim!...

O BONECO — Nós, os bonecos, somos o melhor retrato da idade de quem nos fez!!!

A BONECA — Ah!... Tu dizes tão certas as coisas! Vê-se perfeitamente que já aconteceram comigo!

O BONECO — Não me perguntes nada... Deixa estar calado o meu coração... (Pausa.)

A BONECA — Às vezes, o dia não vinha como Ela tinha esperado! Quando tal acontecia, nem eu sequer vinha a propósito... Nada lhe servia... Ninguém diria que era Ela própria que estava ali!... Mas outras vezes, tudo era d'Ela!... Ela é que animava todas as coisas... Ao pé dela tudo era riqueza e alegria! Ela havia de fazer muita falta a quem não a conhecesse!... Tu não imaginas a porção de novidade que Ela tinha para dar, se alguém lhas viesse pedir!... Nunca veio ninguém! Alguns ainda olharam mas não a viram... Nunca ninguém soube que Ela era a Rainha!

O BONECO — Parece-me que estou a reconhecer essa menina...

A BONECA — Uma grande Rainha que não tinha mais nada do que uma boneca feita por Ela!... Era eu, a boneca... Todos passaram diante d'Ela e ninguém se ajoelhou. Se a tivessem conhecido como eu a conheci todos ajoelhariam diante d'Ela!...

O BONECO — Parece-me que estou a reconhecer essa menina!...

A BONECA — Não há outra no mundo!

O BONECO — Mas... esta que eu digo não se parece contigo!

A BONECA — E por dentro? Também não se parece comigo?

O BONECO — Por dentro é que eu te acho tal e qual!

A BONECA — É que tu ainda não me viste bem por fora!

O BONECO — Talvez sejam parecidas só por dentro...

A BONECA — Isso não pode ser! O que uma pessoa é para fora é igual para dentro! É uma coisa só!... Isso que tu dizes não está certo... não é assim... Tu não sabes isso bem!... Isso ainda não aconteceu contigo!

O BONECO — Tudo o que acabas de dizer acontece comigo também!...

A BONECA — É porque tu ainda não me viste bem por dentro mas agora, já que nos conhecemos, havemos de falar muito... para nos conhecermos ainda melhor um ao outro, por dentro e por fora... Deus queira que isto vá muito bem connosco!

O BONECO — Eu sou como tu... tudo o que aconteceu comigo eu sei de cor... é tudo tão fácil! Só, não sei...

A BONECA — Conta, conta!

O BONECO — Foi uma das coisas que aconteceu comigo...

A BONECA — Não tenha medo de contar!

O BONECO — Não, Boneca, ouve! Deixa estar calado o meu coração... ele está calado por causa de mim.

A BONECA — Se eu soubesse falar de outras coisas!... Mas eu só sei do que aconteceu comigo.

O BONECO — Não, Boneca... não digas nada... Deixa estar calado o meu coração... Eu não soube ouvir o coração... e o que ele quer é tão claro!

A BONECA — O que é claro é como a luz!

O BONECO — A luz não se engana!...

A BONECA — Nós é que nos enganamos com a luz.

O BONECO — É assim que acontece com a luz!... (Pausa.)

A BONECA — Ouve! Tu também sentes o coração dentro de ti muito grande... que não cabe dentro do peito? Ah! Eu sou

tão pequena! E o coração está dentro de mim... à espera pronto para sair... pronto para dar-se e a hora não chega!

O BONECO — Aquela hora que há...

A BONECA — Aquela hora que não passa... aquela hora que ainda não veio... aquela hora que deixa passar as outras adiante... as horas de esperar!...

O BONECO — Deixa estar calado o meu coração...

A BONECA — Dá-me a tua mão!... que eu saiba da tua mão... Que as tuas mãos não sejam as minhas!... que sejam outras mãos como as minhas... As minhas mãos não me bastam... faltam-me outras mãos como as minhas!

O BONECO — É assim que bate o coração...

A BONECA — Dá-me a tua mão!... que os nossos corações sejam a repetição um do outro como é justo!... que as tuas mãos me tragam festas, me tragam paz... paz que se ganha!... (Pausa.) Dá-me as tuas palavras!... essas que tu guardas... essas palavras que não morrem, nem se matam!... essas que lembram o mar... o mar que nunca pára... o mar que não se cansa... o mar que insiste... o mar que não se gasta

O BONECO — Cala-te, coração! Deixa ouvir o mar...

A BONECA — Tu também viste o mar?

O BONECO — O mar foi feito por nossa causa!...

A BONECA — Ah!... É assim, juro-te, exatamente assim o mar... Oh! Como tu o viste bem! Dá-me a tua mão para ser tão grande o silêncio... (Pausa.) O mar!... não acaba nunca o mar!...

O BONECO — O mar começa sempre...

A BONECA — É como o coração dentro de mim!... E nunca sai do peito o coração!...

O BONECO — Como pode mudar-se o coração?...

A BONECA — Às vezes a luz brilha no mar... como se tivesse chegado a hora...

O BONECO — É a fé! É o coração que não se engana!

A BONECA — Mas quando o sol desaparece fico eu tão sozinha! Fico a pensar no que tem acontecido... e não sei o que me falta!... Se não fosse o luar, ainda ficava mais sozinha!... Se me ponho a pensar que o luar me faz

companhia, sinto-me enganada! E nos dias em que chove, a chuva também foi enganada...

O BONECO — A quem acredita no coração tudo serve de engano.

A BONECA — Mas quando é o coração que fala, parece-me de mais para mim.

O BONECO — O coração é maior que nós!

A BONECA — E eu sou tão pequenina! Para que me deram um coração tão grande?...

O BONECO — Deus fez-nos um coração para não sermos tão pequenos como nós...

A BONECA — Mas é que não tenho forças para ele! Ele é grande de mais para mim! Tu já reparaste bem como eu sou pequenina?

O BONECO — Tu és do tamanho dos que têm coração.

A BONECA — Ah!... é assim, juro-te, é exatamente assim como tu estás a dizer!... mas a hora não chega!... Eu saberei esperar... mas o tempo não espera!..

O BONECO — Assim, é não saber esperar!

A BONECA — Eu por mim não me importo... mas o coração?

O BONECO — O coração espera por nós!

A BONECA — Mas tu não vês que eu sou pequenina... que não tenho forças... que eu não sou como o mar que não se gasta!... tu não vês que eu passo depressa?

O BONECO — Por mais depressa que passes, o teu coração espera por ti... o teu coração não espera mais ninguém... Se tu não vieres, o teu coração não espera mais ninguém... Se tu não vieres nunca, o teu coração não conta, não ouve. É como se não tivesse havido coração. Por mais depressa que passes, dá-te inteira ao teu coração... Porque só sabe do tempo quem não traz coração... o tempo é pecado de quem não sabe amar!!!

A BONECA — Ah!... é assim, juro! É exatamente assim que bate o coração!

O BONECO — Acredita no coração! Ele sabe de cor o que quer!... Não foi necessário ao coração ir aprender o que queria... A nossa cabeça é que precisa de aprender o que quer o coração!

A BONECA — É assim que bate o coração...

O BONECO — O coração nunca está só... O nosso coração é nosso, ele não pode viver sem aquele a quem pertence... ele espera por nós!

A BONECA — Às vezes, a cabeça quer ser mais do que o coração... e fica de costas viradas para o coração!

O BONECO — A cabeça não deve ser senão o que o coração quiser! Nunca é o coração que nos falta, somos nós que faltamos ao coração!

A BONECA — Ah!... é assim, juro, é assim que bate o coração!...

O BONECO — Só não entende o coração quem não sabe escutá-lo... ele está sempre a contar aquela hora por que se espera... aquela hora que existe para além da sabedoria... e que tem a forma simplicíssima dum coração natural!...

(Começa-se a ouvir um tambor lá muito ao longe. De repente, os Bonecos ficam na posição em que estavam ao princípio. O tambor vem-se chegando a pouco e pouco.

Quando já está bastante perto, ouvem-se muitas vozes de crianças em grande alegria. Depois percebe-se que chegaram ao pé do teatro, e é quando começa a música com o bombo, os pratos, o cornetim, o tambor e os guizos. Abre-se a cortina do fundo e do lado de fora estão sentadas nos bancos muitas crianças com as pessoas que as acompanham. Quando já está quase a começar a representação desce o pano.)

FIM